



KRUSE, HERMANN: *GOYAZ, DAS WAHRE HERZ  
BRASILIIENS*

Carina Redel<sup>1</sup>

Antón Corbacho Quintela<sup>2</sup>

O livro *Goyaz, o verdadeiro coração do Brasil*, publicado em 1936, em alemão, na cidade de São Paulo, contém uma descrição do Estado de Goiás nas décadas de 1920 e 1930. O livro foi escrito pelo arqueólogo alemão Hermann Kruse. Nesse período, ele viajou por três estados brasileiros: Bahia, Goiás e Minas Gerais. Não se sabe muito sobre o autor; provavelmente nasceu no dia 12 de novembro de 1884, em Torgelow, na região da Pomerânia, no norte da Alemanha. Entre 1927 e 1928 ele naturalizou-se brasileiro, vindo a falecer no Brasil em 1947.

As descrições contidas nesse livro foram uma tentativa de mostrar uma região – a Centro-Oeste – pouco conhecida pelos alemães. *Goyaz, das wahre Herz Brasiliens* está dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo – “Goyaz, povo e terra” – visa apresentar, mediante breves sub-capítulos, as pessoas – sua cultura, seus costumes, suas tradições e hábitos –, a natureza, a economia, a infraestrutura e a história de Goiás. No segundo capítulo – “Esboços goyanos” – são narrados acontecimentos e aventuras da viagem do autor pela região. Essas narrativas são distribuídas em unidades temáticas, como “paisagem”, “quilombo” e “justiça”. O livro, que possui trinta e uma fotografias, três desenhos e um mapa, baseia-se, segundo parece, somente nas experiências e na visão do autor, já que este não indica fontes bibliográficas.

1 Graduada em Estudos Latino Americanos na Universidade Católica de Eichstätt-Ingolstadt. Intercambista na Universidade Federal de Goiás. E-mail: <Carina.Redel@web.de>.

2 Professor da Faculdade de Letras/ UFG. <corbachoq@rocketmail.com>.

O primeiro capítulo começa frisando que, nas férteis terras do estado, existia grande riqueza de recursos naturais, como cristais, metais preciosos e madeiras de valor. Hermann Kruse comenta que o planalto, entre os rios Araguaia e Tocantins, possuía quase o dobro da área do Império Alemão, mas nele só havia, em 1931, 875.000 habitantes, aproximadamente. Kruse conta a história do Estado de Goiás remontando-se à lenda do Anhanguera e ressalta que, apesar da grande quantidade de ouro extraído na época colonial, muitos colonos morreram pobres naquele tempo.

O povo goiano é apresentado minuciosamente. Segundo Kruse, a raça e a idiosincrasia goianas eram fruto da miscigenação de aventureiros portugueses, escravos africanos e indígenas. Ele estimou que, naquele momento, cerca de 15% da população era branca, 10% negra, 15% índia e 60% mestiça. Nos mestiços, no entanto, podia-se reconhecer o predomínio do “sangue índio”, o qual determinara também o caráter e os costumes do goiano em geral: ele era um bom caçador, era persistente e conseguia suportar a fome e a sede, era paciente e possuía uma boa memória, o que, segundo Kruse, seria uma possível compensação do analfabetismo. Apesar de ser muito honesto e cortês, o índio não sabia agradecer, não tendo nem sequer uma palavra para dizer “obrigado”. Por outro lado, o autor ponderou que o *sangue africano* vinha à tona na ferocidade do “capanga” ou “jagunço”, cuja existência se devia ao péssimo sistema de justiça da época. Apesar de uma avaliação positiva em relação ao povo goiano, Kruse conclui que as condições naturais adversas geravam um homem cansado, um pouco triste e fraco, sem condições para transformar sua fértil terra em algo produtivo e lucrativo. Cumpre destacar que Kruse categorizava as pessoas segundo sistemas raciais; ele usa com frequência o termo “Rasse” (raça) e atribui características distintas às pessoas segundo os seus fenótipos.

O autor identifica a religião como um fator determinante na vida do goiano; trata-se, porém, de uma religião imbuída de superstições e crença em feitiços. Kruse acredita que havia um escasso conhecimento bíblico e indica que os missionários dominicanos, presentes em Goiás, tinham graves dificuldades para corrigir os desvios na vivência da religião. O modo de viverem a fé leva o autor a afirmar que os goianos viam a Deus como o culpado pela miséria deles e, simultaneamente, como um ser poderoso que devia ajudá-los, o que gerava uma contradição que os conduzia à indolência.

Kruse gostava muito das folias e sentia-se atraído pela confecção artesanal de redes e roupas que havia nos lares. Ao se referir à produção de alimentos, detém-se na descrição da cultura da cana-de-açúcar, do arroz e da mandioca. Deteve-se também na descrição das paredes de pau a pique. Na interpretação dele, a falta de conhecimentos sobre higiene corporal favorecia a tuberculose, a sífilis e doenças parasitárias. Além disso, informa que, em algumas áreas, havia inclusive malária. Chocado, o autor comentou que a alimentação dos goianos era inadequada, pois se abusava do feijão, da gordura de porco e dos doces, e quase não se comia frutas, como banana, laranja, manga e mamão, abundantes na região.

A imigração síria em Goiás chamou a atenção de Kruse, quem indicou que o “elemento sírio” sobressairia etnicamente entre a população local. Descreveu os imigrantes sírios como comerciantes inteligentes, o que fizera com que alguns se tornassem cidadãos ricos. Todavia, ele sublinhou que alguns não tinham escrúpulos e enganavam no comércio os honestos sertanejos.

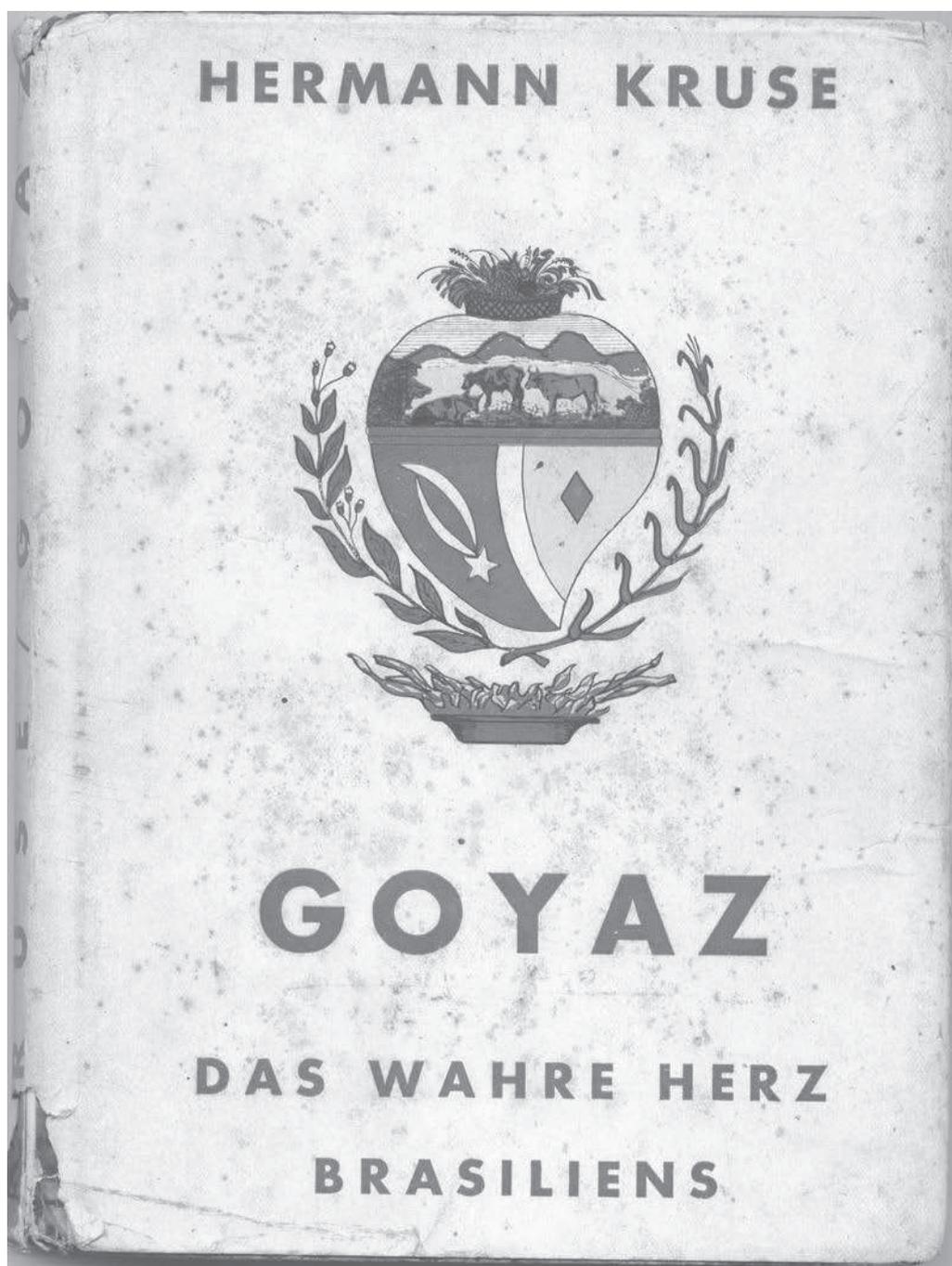
Goiás é descrito como um estado sem indústria. A maior parte da receita estadual procedia da agropecuária: criava-se gado e cultivava-se arroz, mandioca, açúcar, tabaco e algodão. Um problema enorme para a comercialização desses produtos e para o desenvolvimento econômico era gerado pelas péssimas infraestruturas. Só existiam, aproximadamente, 270 quilômetros de linha férrea. Encerra-se a primeira parte do livro mencionando-se que, na periferia do estado, havia uma grande biodiversidade. Kruse indica os animais que não havia na Alemanha, como a anta, o tamanduá, a onça e a cobra.

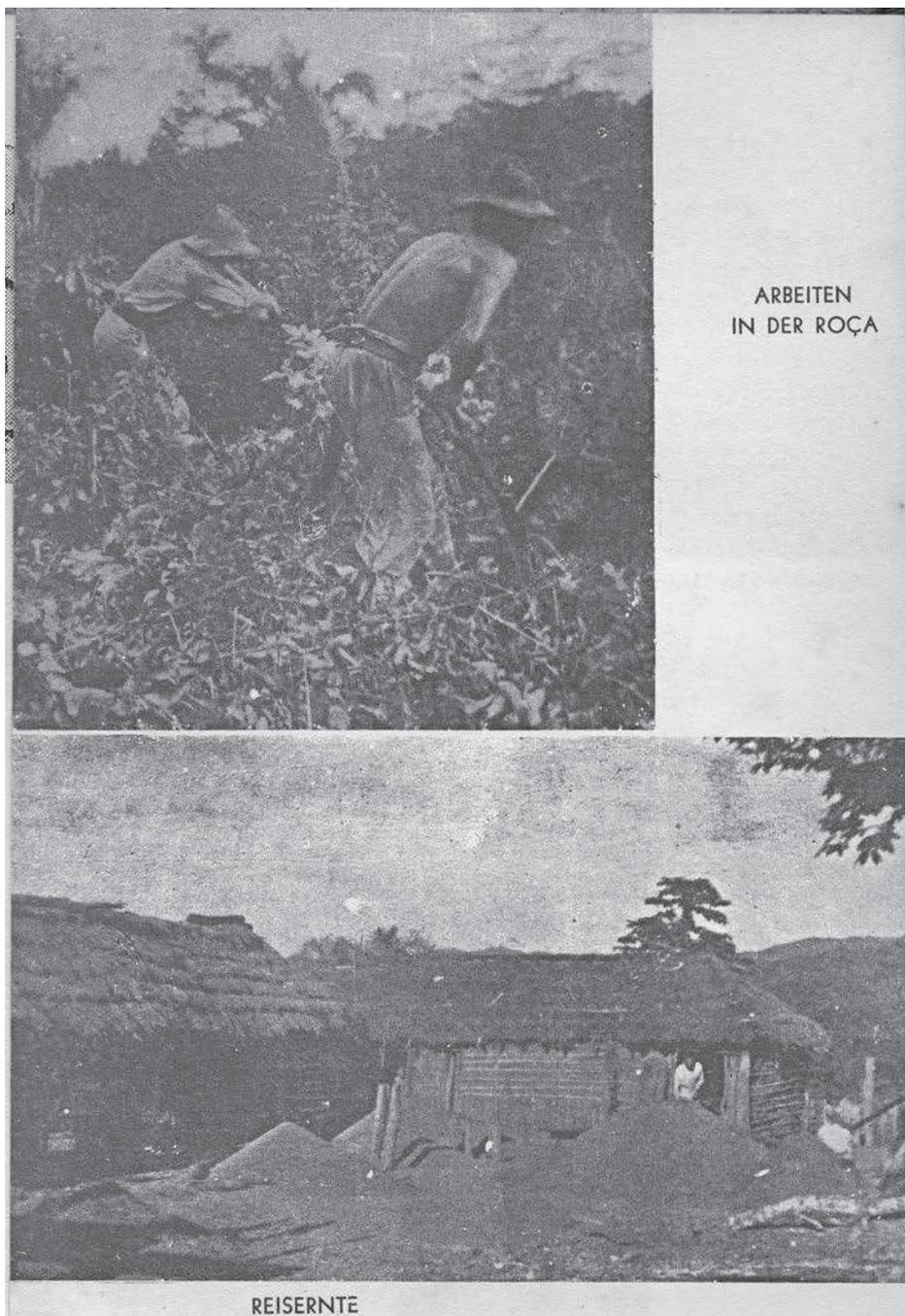
A segunda parte do livro começa com o relato da chegada do autor à pequena cidade de Paranã (no atual Tocantins), na qual já estivera sete anos antes. Lá ele encontrou seu amigo José Courys, um comerciante sírio que chegara a Goiás em 1913 para abrir uma pequena loja. No item “Dia de viagem”, Kruse aponta as dificuldades das travessias com animais de carga; assim, em uma subida sobre pedras molhadas um dos cavalos quase caiu e uma parte das mercadorias se derramou pela encosta. No item “Paisagem”, são descritos lagos, cachoeiras e ressalta-se a solidão e o silêncio que se sentia nas grandes fazendas. Além disso, chama a atenção do autor o contraste da natureza na seca e na estação das chuvas. Nessa parte, o estilo narrativo de Kruse está carregado de melancolia e saudade. Kruse dedica alguns parágrafos à fazenda “Polônia”, na região de Formosa; trata-se de uma fazenda estabelecida pelo polonês Szelwinsky, o qual fora oficial de Napoleão. O estilo da

casa da fazenda lembrou Kruse das construções do Leste Europeu. Juca Szelwinsky é apresentado como um homem de força sobrenatural que também sabia atrair todos os animais do mato cantando.

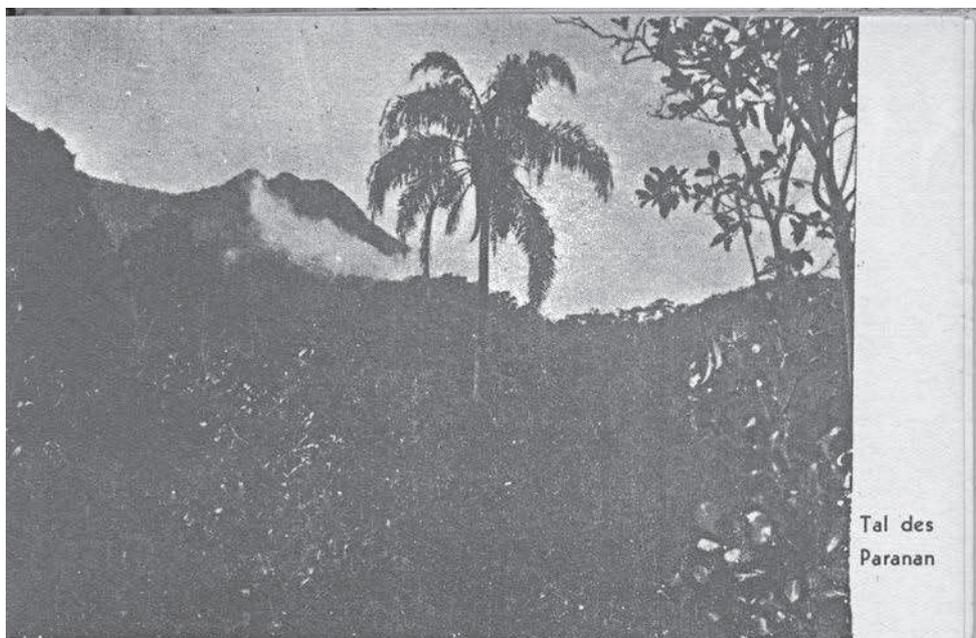
Outra fazenda mencionada em *Goyaz, das wahre Herz Brasiliens* é a de Elisario Chaves, que é apresentado como descendente de uma tradicional família assentada em Goiás na época das bandeiras. Esse momento é aproveitado por Kruse para se referir a um escravo que tivera o avô de Elisario Chaves e que, com os pés presos em uma peia, fugira escondendo-se em um quilombo afastado. Esse comentário faz com que Kruse explique aos seus leitores o que foram os quilombos. Kruse dedica outro item ao município de São Félix; em relação a ele, menciona que, em 1730, foram descobertas várias minas de ouro e uma rua empedrada anterior à colonização que, provavelmente, era uma prova de um comércio que se desenvolvera entre os fenícios e os peruanos (sic). O item “Tragédia dos diamantes” contém um relato sobre um menino que, brincando, encontrara o maior diamante do Brasil (aproximadamente 700 quilates), mas que acabou sendo enganado por um ferreiro. Para verificar se a pedra era um diamante ou vidro, o ferreiro convidou o rapaz a fazer a “prova da bigorna”. Isso fez com que o maior diamante do Brasil fosse quebrado em muitos pedaços; o rapaz, acreditando que era mesmo vidro, deixou os pedaços com o ferreiro, que os vendeu.

O livro gera o desejo de querer conhecer os lugares exóticos descritos por Kruse. Não fica claro para que leitor ou que *horizonte de expectativas* foi destinado *Goyaz, das wahre Herz Brasiliens*: para os alemães na Alemanha ou os imigrantes alemães no Brasil? Tanto uns quanto os outros não deviam ter muitos conhecimentos sobre as circunstâncias do Centro-Oeste brasileiro. Desconhecemos a tiragem do livro e também não sabemos se Kruse, para elaborá-lo e editá-lo, teve algum incentivo ou recebeu algum financiamento. Acreditamos que se trata de uma obra que mereceria uma nova edição, desta vez diretamente destinada a divulgar o Estado de Goiás na Alemanha.

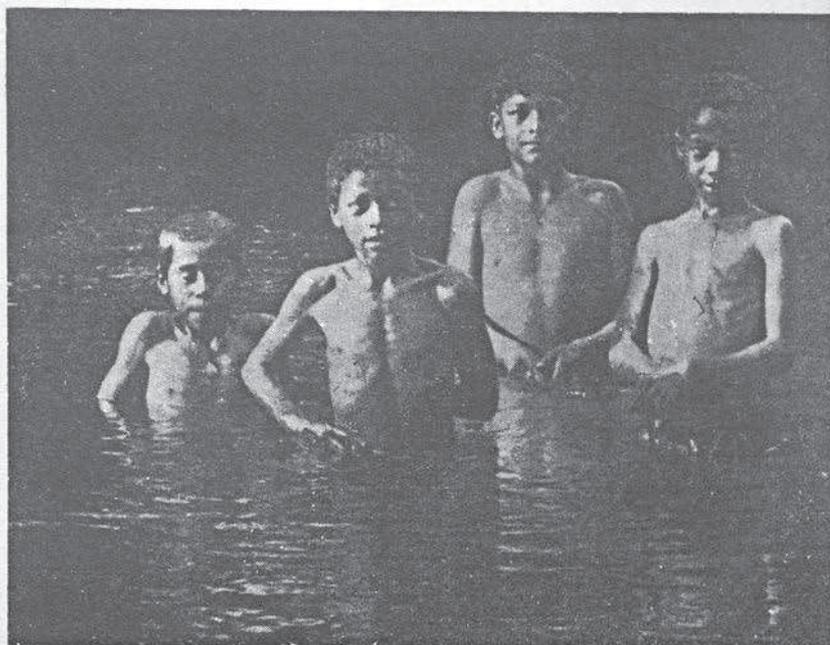




ARBEITEN DER ROÇA - Trabalho na roça  
REISERNTÉ - colheitas de arroz



Tal des  
Paranan



BADENDE KNABEN

(Mario Baldi phot.)

Tal des Paranan - vale do Paranã  
BADEN KNABEN - meninos tomando  
banho de rio  
(Mario Baldi phot.) - (Foto: Mario baldi)



BRUNO

IM CURRAL  
(Mario Baldi phot.)

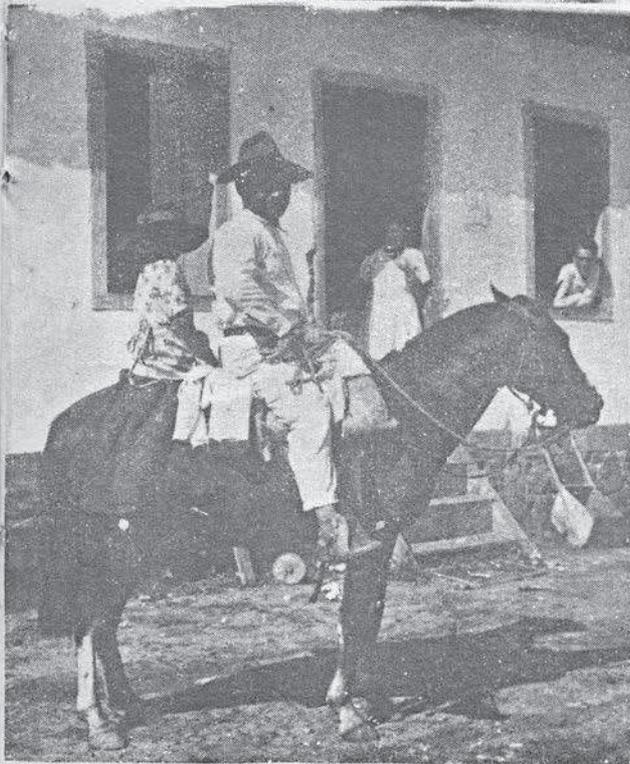
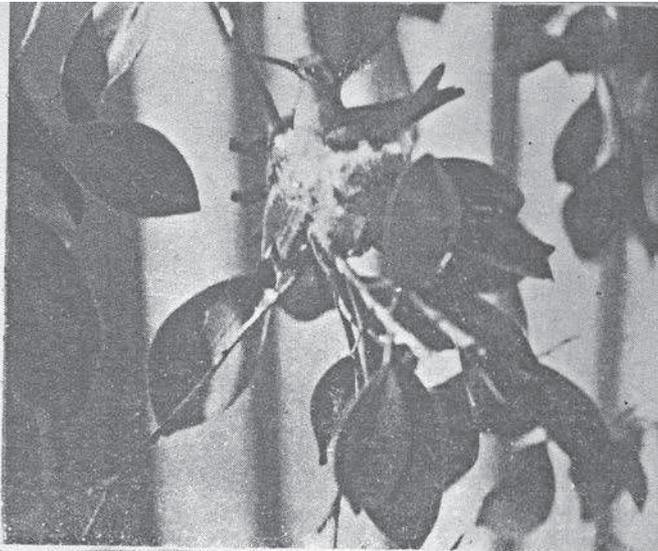


SEBASTIÃO

IM CURRAL (Mario Baldi phot.) - No curral (Foto: Mario Baldi)  
BRUNO - Bruno  
SEBASTIÃO - Sebastião

Colibri auf dem Nest

(Mario Baldi phot)



(Mario Baldi phot)

Seu Severino hat Einkäufe in der Stadt gemacht.

Colibri auf dem Nest - Colibri no ninho  
(Mario Baldi phot.) - (Foto: Mario baldi)  
Seu Severino hat Einkäufe in der Stadt gemacht - Seu Severino após fazer compras na cidade

